

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LINGUAGEM ORAL E ESCRITA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL-PA

Maria Suellen de Souza Sá Ribeiro

Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, sa.suellen@gmail.com

Madison Rocha Ribeiro

Professor efetivo da Universidade Federal do Pará, madisonribeiro@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de campo que visou estabelecer o diálogo entre teoria e a realidade observada, como dois momentos integrados e inseparáveis da produção científica, em que se reconhecerão a caracterização das práticas da linguagem oral e escrita na educação infantil em uma turma de 5 anos em uma escola pública do município de Castanhal-PA. A pesquisa objetivou evidenciar se no trabalho de linguagem oral e escrita o educando é valorizado como produtor de cultura, linguagens e expressões e se alguns aspectos da infância como a interação e as brincadeiras são considerados como eixos norteadores dessas experiências curriculares. A realidade investigada foi analisada tendo por base as produções teóricas do campo da educação infantil quanto à linguagem oral e escrita. A discussão dos dados revelou que a interação e as brincadeiras como eixos norteadores das experiências pedagógicas de linguagem oral e escrita na educação infantil são utilizados parcialmente. Desta forma a cultura e saberes das crianças, ainda são pouco explorados como base do processo educacional, contrariando as finalidades da educação infantil no que diz respeito à socialização e interação das crianças com elas mesmas e com o mundo a sua volta.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil. Linguagem. Oralidade. Escrita.

INTRODUÇÃO

A educação de crianças em creches e pré-escolas é uma conquista de homens e mulheres que acompanharam as mudanças em nossa sociedade e se organizaram em busca da garantia dos direitos estabelecidos na constituição de 1988. Para isso organizaram-se em movimentos comunitários, movimentos de mulheres, movimentos de trabalhadores, movimentos de redemocratização do país, além, evidentemente, das lutas dos próprios profissionais da educação. (RIBEIRO, 2011, p. 2).

A educação infantil no Brasil nem sempre foi considerada como um processo educacional escolar. Tratava-se de uma política de assistência social voltada à infância. Só foi instituída como uma etapa da educação básica escolar a partir da década de 1990

com a Lei nº. 9.394/1996 que instituiu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Daí em diante começou-se, mais sistematicamente, a se pensar em uma proposta pedagógica voltada à educação infantil, considerando que esse processo educacional que envolve o cuidar, ocorre em creches e a pré-escolas, e deve valorizar as infâncias, suas singularidades, culturas e modos de aprender.

Neste sentido, o estudo teve como temática a educação infantil e como objeto específico de estudo as práticas pedagógicas de linguagem oral e escrita desenvolvidas em uma turma de 5 (cinco) anos em uma escola de Educação Infantil no município de Castanhal-PA. A pesquisa desenvolveu-se considerando as seguintes questões norteadoras: como se caracteriza a prática pedagógica do eixo curricular linguagem oral e escrita na turma de 5 anos da educação infantil em uma escola municipal de Castanhal? As experiências pedagógicas do campo da linguagem oral e escrita são organizadas levando em consideração os eixos norteadores da educação infantil, a saber: interação e brincadeiras, conforme propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil? As práticas pedagógicas de linguagem oral e escrita consideram os educandos como sujeitos que produzem cultura e estão favorecendo o contato deles com diferentes linguagens, gêneros e expressões?

O estudo fundamentou-se nos princípios da abordagem qualitativa de pesquisa. Trata-se de um estudo de campo, de caráter exploratório. Optamos pela abordagem qualitativa devido a mesma não ter como foco principal a representatividade numérica da realidade a ser estudada. Tal abordagem, segundo Minayo (2001), auxilia na compreensão de um grupo social, de uma organização, além de trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças e valores. A pesquisa de campo se justifica por nos possibilitar maior proximidade com a realidade empírica a ser estudada, podendo cruzar os dados do levantamento bibliográfico com as informações do campo.

O local da pesquisa foi uma escola de educação infantil da rede municipal de Castanhal, localizada na zona urbana desse município. A escolha dessa escola se deu em função do seu tempo de funcionamento e sua referência no trabalho específico com a educação infantil na rede municipal de ensino de Castanhal. O estudo foi realizado considerando três etapas principais: levantamento e estudo bibliográfico, pesquisa de campo e análise dos dados.

A pesquisa de campo foi realizada considerando a técnica de observação das aulas como instrumento de coleta de informações. As observações foram realizadas em uma turma de cinco anos da educação infantil, perfazendo um total de 05 (cinco) observações

na turma. Essas observações foram conduzidas por um roteiro previamente definido constituído de alguns aspectos relacionados ao objeto de estudo. As informações obtidas foram registradas em um diário de campo que, segundo Lewgoy (2002), é um instrumento utilizado pelos investigadores para registrar os dados recolhidos para serem interpretados.

Este texto, portanto, é fruto da análise dos dados empíricos coletados nesse referido estudo e está organizado em duas partes principais: revisão da literatura onde discutimos brevemente a temática linguagem oral e escrita e o item referente aos resultados e sua discussão, além das considerações finais onde as inferências são sistematizadas.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ser humano é um ser de linguagens. Por meio delas nos comunicamos com o mundo, com as pessoas a nossa volta, garantindo assim, o atendimento aos nossos objetivos pessoais, sociais etc. As linguagens oral e escrita constituem modalidades de linguagens imprescindíveis à comunicação e relacionamento humano, tornando-se condição essencial para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania. Por isso, tal linguagem tem se constituído eixo central nas propostas e práticas curriculares tanto na educação infantil como no Fundamental.

A infância é a base para todo o desenvolvimento humano, logo, a família e a escola devem zelar pelos direitos de brincar, desenhar, pintar, modelar, cantar, dramatizar, escrever, ler, descobrir, sorrir, fazer amigos dentre outros, para que a criança adquira autonomia, valores e conhecimentos em seu desenvolvimento.

Educar uma criança de 04 e 05 anos, significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens, orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relações interpessoais, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Faz-se necessário, portanto, propostas pedagógicas consistentes no sentido de fomentar a transformação dos conhecimentos espontâneos, promovendo um trabalho em que as crianças desenvolvam atividades em grupo, incitando discussões acerca de suas

impressões sobre os fatos, levantando hipóteses a partir de seus conhecimentos prévios capaz de desenvolver as condições necessárias ao exercício da cidadania.

Também é papel da Educação Infantil dar acesso ao universo letrado, proporcionando às crianças, desde seu ingresso, contato com os mais variados suportes de leitura e escrita, pois entendemos que ler e escrever transcendem a mera decodificação, visto que é no mundo escrito e lido que se arquiva o saber acumulado pela humanidade.

A linguagem se constitui um eixo básico da educação infantil e é produto ideológico, social, histórico e cultural que é inerente ao homem. De acordo com o dicionário Aurélio a linguagem “é o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas”. (AURÉLIO, 2002 p. 427). Assim, a linguagem é comunicação que ajuda na construção da representação do mundo, o conceito das coisas e interação com o meio.

Segundo Galvão (1995) o impacto da linguagem sobre o desenvolvimento do pensamento e das atividades globais da criança é muito grande. Por isso o trabalho na pré-escola com a linguagem oral e escrita amplia as possibilidades das crianças na inserção e participação nas diversas práticas sócias, ou seja, desenvolvem capacidades de comunicação, expressão e o acesso ao mundo letrado pelas crianças. Desta forma, quatro competências linguísticas básicas deverão ser desenvolvidas na área pedagógica: “falar, escutar, ler e escrever”. (BRASIL, 2000 p. 177).

A linguagem oral na educação infantil apresenta-se de modo bastante diferente, já que está presente no cotidiano das práticas das crianças que interagem, falam, indagam e expressam seus sentimentos e ideias. Assim, o trabalho com a linguagem oral nas instituições de educação infantil, de acordo com os documentos oficiais, deve se dar por meio de rodas de conversas, pois, é por meio do diálogo que a comunicação acontece. Quanto mais as crianças puderem falar em diferentes citações como explicar uma brincadeira, recontar uma história, falar do cotidiano em casa, realizar atividades de faz de conta, leituras de imagens etc., mais possibilidades ela tem de desenvolver a fala e o domínio da linguagem oral. (IBIDEM).

A comunicação também acontece por meio de gestos, sinais, símbolos, movimentos corporais, sonoros dentre outros. As crianças aprendem a falar vendo os outros falarem, seja com o pai, a mãe, o professor, os amigos, assistindo televisão ou ouvido música, e nessas interações elas vão descobrindo as regularidades da linguagem

oral. Considerando o exposto, o ensino-aprendizagem da linguagem oral pressupõe a escuta da criança, ou seja, ouvir o que ela fala, responder ou comentar de forma coerente aquilo que a criança diz, reconhecer o seu esforço em compreender o que ouve e integrar sua fala a ação pedagógica. (BRASIL 1998, p.137).

De acordo com Soares (1999) a criança deve ser posta em situações de aprendizagem que as coloquem em processos de alfabetização e letramento já na educação infantil, tendo em vista que diante de uma sociedade grafocêntrica o indivíduo desde muito cedo tem acesso a livro, leituras, materiais escritos. O letramento refere-se às práticas discursivas que usam a escrita como sistema simbólico e tecnológico, que envolve muitas facetas para a aquisição e a utilização desse sistema, garantindo assim, a autonomia e interação social. Ainda para a autora, diante das novas concepções de ensino da língua materna o sujeito passa a aprender por meio do levantamento de hipóteses e a reflexão sobre essas hipóteses, ou seja, a criança aprende a escrever agindo e interpretando com a língua escrita e não mais pela imitação, repetição, associação, copiando e reproduzindo letras, sílabas, palavras, frases. Ela aprende praticando suas hipóteses durante suas experiências de aprendizagem e por meio da interação com o meio no qual está inserida.

Segundo Kleiman (2014) nas práticas letradas o professor ao conhecer os saberes e as capacidades do aluno é capaz de desenvolver estratégias que lhes façam progredir nos estudos por meio de múltiplos letramentos. O impacto do letramento na contemporaneidade causa transformações na vida das pessoas e é imprescindível que o cidadão na sociedade da tecnologia e da informação, da transformação e da transitoriedade acompanhe as novas demandas da sociedade contemporânea.

Atualmente vivemos em uma sociedade letrada, em que desde muito cedo as crianças desenvolvem o aspecto funcional da comunicação escrita. O grau de letramento do ambiente social em que as crianças estão inseridas interfere diretamente no seu desenvolvimento cognitivo, por isso o processo de construção do conhecimento não se dá de forma idêntica em uma mesma faixa etária. Embora hoje na prática pedagógica não se use mais quadro negro, nem silabário, nem texto de mimeógrafo a concepção de escrita, segundo pesquisas realizadas por Kleiman (2014), é ainda de uma prática independente do sujeito, da história, não situada no tempo e no espaço e está em oposição aos usos da língua oral. Isso quer dizer que a pesar dos avanços da ciência, as funções sociais da leitura não estão orientando as práticas de ensino que não levam em conta os objetivos do

uso da língua escrita, o conhecimento prévio dos interlocutores, tão pouco o contexto social dos mesmos.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) o letramento é o aprendizado da língua escrita que envolve, dentre outros aspectos, a construção de capacidades que devem ser desenvolvidas nas crianças durante os anos da educação infantil, tais como ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas; familiarizar-se com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário; escolher os livros para ler e apreciar (BRASIL, 1998).

No que tange à aprendizagem da linguagem escrita, muitas são as concepções que permeiam esse processo, uma delas é a prontidão para a alfabetização e a estratégia mais utilizada é o envolvimento da habilidade motora por meio de exercícios mimeografados de coordenação perceptivo-motora, como passar o lápis sobre linhas pontilhadas, ligar elementos gráficos (levar o passarinho ao ninho, fazer os pingos da chuva etc.), tornam-se atividades características das instituições de educação infantil. (BRASIL, 1998). Tais atividades são consideradas pelos educadores como pré-requisito para o início da alfabetização que irá possibilitar a aprendizagem de leitura e escrita. Contudo, esse período escolar não pode se resumir a essas atividades mecânicas.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM ORAL E ESCRITA EM UMA TURMA DE CINCO ANOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM CASTANHAL/PA

Como o foco do estudo foi perceber as práticas de linguagem oral e escrita, o presente texto constará de uma narrativa breve das aulas como um todo, seguida da análise dos aspectos que foram definidos no roteiro de observação. Ressalta-se que para a definição do referido roteiro considerou-se a compreensão do que consiste teoricamente linguagem oral e escrita no contexto da educação infantil.

a) O trabalho com a linguagem oral

No que diz respeito à linguagem oral pautou-se como objeto de observação: atividades programadas para o desenvolvimento da fala individual e coletiva e atividades que proporcionassem socialização e interações entre as crianças.

- Atividades voltadas ao desenvolvimento da fala individual e coletiva

Durante as cinco aulas observadas na turma de cinco anos do turno da manhã, constatou-se a realização de algumas atividades programadas para o desenvolvimento da fala individual e coletiva das crianças: a oração realizada todos os dias pela turma e pela escola; a chamada individual dos alunos, os quais respondiam presente quando seus nomes eram pronunciados pela professora, canto de músicas infantis e pronúncia coletiva de letras, sílabas e palavras escritas no quadro.

No que tange à oração coletiva, no pátio da escola, esta era orientada por um adulto ou aluno que soubesse ler. Todos os demais estudantes repetiam o que era lido na referida oração. Já em relação à oração realizada na turma, geralmente era rezado um “pai nosso”, direcionado pela professora e acompanhado pelos alunos. A chamada individual foi uma das poucas atividades que exploraram o falar individual dos estudantes. Não se presenciou outras atividades em que a professora pudesse explorar conversas ou diálogos individuais com as mesmas. As músicas infantis eram sempre cantadas e bem participadas pelas crianças. A maioria já tinha decorado a letra das músicas e por isso todas participavam com entusiasmo. A música era utilizada, entretanto, sempre como um rito: de chegada, de boas-vindas, para fazer silêncio, acalmar ou despedir-se. A seguir um exemplo de música cantada: **“Zip, zip, zip, zá a boquinha vou fechar, fechou, colou, costurou”**. Essa música foi cantada no momento em que a professora tentava contar uma história para as crianças. Como algumas estavam dispersas e por diversas vezes a professora tinha que parar a narrativa para chamar a atenção delas, a mesma cantou a referida música. Todas as crianças cantaram bem alto e com muito entusiasmo. O silêncio, contudo, era sempre breve e logo começava tudo de novo. Umas olhavam com atenção para a professora que continuava lendo a história, outras rabiscavam e pintavam o caderno de dever de casa. Ao término da história do dia, a professora mostrava a pequena ilustração do livro para cada criança e pouco explorava o texto lido. Confesso que fiquei impactada com a letra da música, pois “colar e costurar” transmite uma ideia de que as crianças deveriam permanecer caladas para sempre. Outra atividade coletiva que envolvia a oralidade era a pronúncia coletiva de letras, sílabas e palavras escritas no quadro. A professora terminava a contação da história e raramente esta estava relacionada com o tema da aula, pois era perceptível que não havia um planejamento sobre tal atividade,

pois, ela pegava um dos livros que algumas crianças traziam e lia para cumprir uma rotina. Apenas em uma aula percebi que ao término da leitura ela escreveu no quadro letras e palavras referentes à história e pediu que os alunos pronunciassem ou lessem o que estava registrado.

- Atividades voltadas à socialização e interação entre as crianças

Sabe-se que um dos instrumentos de socialização e interação mais utilizados entre as pessoas é a linguagem oral. Em relação a esse aspecto, observou-se que em sala de aula foram poucas as atividades planejadas para esse fim. Apesar disso, as crianças sempre procuram se relacionar, até mesmo por uma necessidade natural. Este aspecto, por outro lado, era mais explorado de forma espontânea e principalmente na hora do recreio. Dentre as atividades que mais proporcionaram socialização e interação entre as crianças, destacam-se: brincadeira livre com os brinquedos trazidos de casa pelas crianças; desenho livre em sala de aula; seção de vídeos, brincadeira livres no intervalo e atividades na sala de leitura.

Tendo em vista que uma das finalidades da educação infantil é possibilitar a socialização e interação entre as crianças, constatou-se que a professora pouco planeja atividades que visem o alcance desse objetivo. As crianças interagem e se socializam, mas de forma espontânea e não planejada como deveria ser. Isto demonstra que, mesmo que as crianças estejam de alguma forma se socializando e interagindo, essa finalidade não está sendo bem trabalhada e explorada nessa etapa de educação das crianças.

b) O trabalho com a linguagem escrita

No que tange à linguagem escrita, definiu-se observar: atividades voltadas ao desenvolvimento da escrita e procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento dessas atividades de escrita.

- Atividades voltadas ao desenvolvimento da escrita

Entende-se por desenvolvimento da linguagem escrita na educação infantil a possibilidade da descoberta pelas crianças dos símbolos gráficos da língua, o conhecimento de algumas regras gramaticais que envolvem a escrita, a compreensão da escrita como um sistema de representação sonora organizado, dentre outros fatores, tendo em vista a comunicação entre as pessoas.

Durante as cinco aulas observadas, constatou-se que a única atividade de escrita espontânea desenvolvida pelos alunos foi o desenho livre. Os desenhos recolhidos eram engavetados, outros extraviados, mas, ao ser questionada sobre o que faria com as

produções dos alunos, a professora afirmou que tais desenhos poderiam enfeitar a sala. Disse também que faria um varal com os mesmos, coisa que não aconteceu. Entretanto, ficou evidente que tal atividade tratava-se de uma prática de passa tempo, pouco explorada pela docente. Expressar-se por meio do desenho é fundamental para o desenvolvimento infantil e muitas coisas a criança pode comunicar por meio da pintura. Segundo Derdyk (1989) as crianças manifestam suas necessidades, desejos e intenções por meio do desenho e com isso acabam extravasando e chegam a romper com a cultura imposta pelos adultos, seja ele o professor ou os pais.

Segundo Cruz (2008), as crianças são capazes de “estabelecer relações e levantar hipóteses explicativas, bem como, de se comunicar, de argumentar, de pensar e refletir, de criar e manter vínculos interpessoais, a fim de produzir saberes e culturas” (p.12). Porém, as atividades de pontilhado e pintura sem reflexão ou valorização de sua produção, faz com que a criança não desenvolva sua competência comunicativa e não exerça o direito de levantar hipóteses e de ser ouvida nas situações de aprendizagem.

- Procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da linguagem escrita

A linguagem escrita foi trabalhada pela professora principalmente através da aula expositiva e por meio de atividades práticas envolvendo exercícios contendo pontilhados a serem cobertos, desenhos livres, deveres de casa por meio dos quais as crianças eram levadas a escreverem seu nome completo e a responderem por escrito às questões relacionadas aos assuntos da língua portuguesa. De acordo com Brasil (1998):

Nas atividades de ensino de letras, uma das sequências, por exemplo, pode ser: primeiro uma atividade com o corpo (andar sobre linhas, fazer o contorno das letras na areia ou na lixa etc.), seguida de uma atividade oral de identificação de letras, cópia e, posteriormente, a permissão para escrevê-la sem copiar. Essa concepção considera a aprendizagem da linguagem escrita, exclusivamente, como a aquisição de um sistema de codificação que transforma unidades sonoras em unidades gráficas. As atividades são organizadas em sequências com o intuito de facilitar essa aprendizagem às crianças, baseadas em definições do que é fácil ou difícil, do ponto de vista do professor. (p. 120)

Considerando que a turma observada era de educação infantil notou-se a ausência no trabalho tanto da linguagem oral quanto da linguagem escrita da ludicidade, isto é, utilizar as brincadeiras e brinquedos cantados como ponto de partida para se explorar a oralidade e escrita das crianças. Também sentiu-se falta de recursos didáticos que explorassem pequenos textos, palavras, sílabas e letras inseridas no cotidiano das crianças. Embalagens, cartazes, receitas, parlendas, imagens, dentre outros recursos didáticos não foram utilizados. A impressão que se tem é que há pouca formação e

planejamento por parte da professora e da escola para o desenvolvimento desses aspectos na educação infantil. Essas inquietações surgiram ao longo dessas observações, pois nota-se a presença constante de aulas mecânicas, rotineiras, cansativas, pouco planejadas e, sobretudo, de práticas inibidoras da liberdade, de condicionamento e padronização de comportamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, conclui-se que a construção do conhecimento na educação infantil sugere um ensino sistemático, envolvendo conceitos complexos referentes à leitura e à escrita e que o professor não pode se omitir em trabalhá-los. Além disso, não podemos deixar de levar em consideração o ritmo singular das crianças.

O trabalho pedagógico com a leitura e a escrita na educação infantil tem uma lógica individual, pois a criança passa por etapas muito variáveis que precisam ser percebidas, respeitadas e utilizadas pelo professor para solucionar dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, um desempenho mais vagaroso não significa que a criança seja menos inteligente, mimada ou preguiçosa, mas que ela precisará de mais tempo para atingir o nível ideal.

Considerando as questões norteadoras deste estudo e os objetivos delas decorrentes, podemos afirmar que há uma disparidade em relação às práticas pedagógicas com linguagem oral e escrita referente às duas turmas de educação infantil observadas, embora ambas estejam na mesma escola, sigam o mesmo programa curricular e tenham formação inicial pela mesma universidade, neste caso a Universidade Federal do Pará, instituição de ensino renomada no país.

A experiência pedagógica na turma da manhã se apresenta fraca, não valoriza o lúdico que é a essência da infância, a rotina é mecânica e cansativa, o trabalho com a escrita não leva a criança a levantar suas hipóteses e pouco se trabalha os gêneros e tipos de textos durante as aulas. Em relação à oralidade, não valoriza a fala espontânea da criança, mas supervaloriza o silêncio e a disciplina. O material xerocopiado, apesar de trazer um conteúdo, é um mecanismo de controle, pois durante sua execução as crianças ficam quietas e caladas.

Diante do observado e concluído, podemos afirmar que o estudo sobre educação infantil trouxe muitas contribuições para minha formação acadêmica, dentre elas destacam-se: o conhecimento da sala de aula, sua estrutura e organização; a gestão da

aula; planejamento e desenvolvimento da aula, que envolve observação, pesquisa e identidade com a infância; a avaliação; o conhecimento dos diversos espaços educativos e suas funções no âmbito da proposta de educação da infância; um maior contato com a realidade sociocultural da população infantil e da instituição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96** de 24 de dez. 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CRUZ, Magna do Carmo Silva. **Alfabetizar letrando**: alguns desafios do 1º ciclo no Ensino Fundamental. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo Infantil. 1989.

GALVÃO, Izabel Henri Wallon : uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/Izabel Galvão. - Petrópolis, RJ; Vozes, 1995. - (Educação e conhecimento).

KLEIMAN, Angela B. (2014). **Letramento na contemporaneidade / Literacy in the Contemporary Scene**. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

LEWGOY, Alzira M^a. B; SCAVONI, Maria Lucia. **Supervisão em Serviço Social: a formação do olhar ampliado**. In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RIBEIRO, Juliana Gonçalves Quaresma. **Profissionais do Magistério na Educação Infantil**: algumas questões sobre carreira e remuneração. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0265.pdf>.

SOARES. Magda, o que é letramento. In: **Diário do grande ABC**. 2003. Disponível em: <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>. Acesso em 29 mar. 2018.